

Só 10 querem ir para Brasilinha

Apesar da previsão do secretário de Serviços Sociais, Adolfo Lopes, que até o próximo sábado 100 famílias da favela da 110 Norte terão se mudado para Brasilinha, somente 10 moradores manifestaram, até ontem, a disposição de ocupar os lotes de 360 metros quadrados daquela cidade, de acordo com dados da Fundação Maria do Barro, que está realizando o cadastro do novo assentamento. Nesta semana, tratores contratados pelo GDF e prefeitura de Planaltina de Goiás (Brasilinha) estão fazendo a limpeza dos lotes, que não possuem a infra-estrutura urbana.

O cadastro da Fundação Maria do Barro não prevê assentamento imediato de famílias na

área próxima de Brazlândia, onde os lotes têm uma área mínima de 480 metros quadrados e dispõem de infra-estrutura mínima. Por decisão de Maria do Barro, aquela região só será ocupada quando o assentamento de Brasilinha estiver concluído. Até agora, 100 famílias desocuparam o local além das 10 que querem ir para Brasilinha, de acordo com o secretário de Serviços Sociais. Ele prevê, porém, que somente um pequeno grupo resistirá à desocupação, quando será necessária a operação relâmpago para retirada do pessoal, em ação a ser coordenada por outra Secretaria, a de Viação e Obras.

Para Adolfo Lopes, at o dia 15

de julho tudo já estará resolvido. A etapa de convencimento, segundo o secretário, já acabou sendo seguida pela atual fase de preparação das novas áreas e cadastramento. O terceiro momento, que ele não descarta, é o da retirada à força do pessoal que ainda estiver resistindo. A secretaria poderá deslocar famílias também para a cidade goiana de Cabeceiras, que fica a 140 quilômetros de Brasília.

Além da invasão da 110 Norte, há mais 43 favelas em todo o Distrito Federal, envolvendo cerca de 17 mil famílias. O deslocamento dos moradores da 110 para cidades do Entorno, segundo Adolfo Lopes, é uma iniciativa pioneira que possibilita maior integração e abertura entre GDF e prefeituras de cidade que compõem essa região. Ele acredita, no entanto, que há diversos brasilienses pioneiros, e já cadastrados na Shis, mas que não dispõem até hoje de uma casa própria, morando em condições precárias.

Para Maria do Barro, já há na invasão da 110 Norte uma verdadeira indústria de baracos, onde os alugueis chegam a Cz\$ 1 mil 500 por mês. Protestando contra acusações de moradores daquela favela, ela assegura que não quer que as pessoas trabalhem para ela nas oficinas comunitárias dos assentamentos de Brasilinha e Brazlândia.



Alheias a tudo, as crianças passam o dia brincando